

MUNDO

Felipe O'Neill/O Dia



O Rio deflagrou ações de combate ao crime semelhantes às de Medellín, na Colômbia

Rio exigirá ação multidisciplinar

Especialistas de Genebra, na Suíça, comparam situação do Brasil à da Colômbia e de países da África

Ruy Barata Neto
rneto@brasileconomico.com.br

A intensiva ação policial nas favelas do Rio de Janeiro mobiliza a atenção de especialistas em conflitos armados reunidos em torno da Declaração de Genebra sobre Violência Armada e Desenvolvimento, uma iniciativa diplomática criada em 2006 para discutir a violência urbana e apresentar propostas de políticas públicas de apoio aos 109 países signatários, entre eles, o Brasil. Segundo o coordenador da iniciativa, o canadense Robert Muggah, o grupo acompanha os desdobramentos dos confrontos e elabora estratégias que podem ser adotadas na cidade assim que houver trégua no combate entre traficantes e policiais cariocas. “É preciso ficar claro que a questão não se trata apenas de lei e de ordem, mas de

ações multidisciplinares de longo prazo a serem adotadas como solução da violência”, explica Muggah que também apoia a atual ação “mais pesada” da polícia. “A repressão precisa acontecer em algum momento, mas é apenas uma primeira ação”.

O especialista, que também é professor da Universidade de Genebra, diz que esta avaliação está calcada em experiências de pacificação bem sucedidas em regiões violentas de cidades como Kingstone, na Jamaica, em Medellín, na Colômbia, Nairobi, no Quênia e em Joanesburgo, na África do Sul. Segundo ele, embora ainda enfrentem problemas de violência, muitas regiões convivem com projetos paralelos e multidisciplinares que envolvem a igreja, agentes sociais e educadores. “Em algumas áreas de Nairobi, o governo conseguiu implementar progra-

“

A repercussão da crise no Rio não surpreendeu a Europa porque fazem parte da imagem que o estrangeiro tem do Brasil. A surpresa será quando esses conflitos forem solucionados

Ilona Szabo,
especialista em segurança

mas de recolhimento de armas, após os conflitos policiais”, diz Muggah, que também esteve pessoalmente na Jamaica envolvido em programas de educação de policiais para agir em áreas pacificadas.

Ele diz que o projeto no Rio de Janeiro exigirá planos mais sofisticados pelo próprio nível de violência da cidade, hoje entre as 15 mais violentas do mundo. De acordo com os estudos da organização, a média global de assassinatos está em oito para cada 100 mil pessoas, sendo que a média no Rio está cerca de 6 ou 7 vezes maior (48 a 56), superando as cidades africanas que têm taxa de 30 assassinatos para cada 100 mil habitantes.

Educação

Ilona Szabo de Carvalho, especialista brasileira em segurança que também integra a Declaração de Genebra, diz que após o

conflito, o investimento em educação deve ser prioridade no estado fluminense, seguindo o modelo adotado em Medellín. A violência na cidade diminuiu bastante com ações mais fortes similares às que estão sendo deflagradas pela polícia do Rio. Mas, em complemento, a Colômbia partiu para um investimento intensivo em educação. “Se a atual ação de repressão no Brasil for acompanhada de um forte compromisso de desenvolvimento social, o problema é solucionado”, diz Ilona.

Para ela, a Colômbia ainda sofre com a violência, só que hoje mais incisiva na guerrilha rural para onde as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e os grupos paramilitares foram empurrados. “No Brasil, o nosso problema é apenas social, e na Colômbia é também de cunho político, o que é mais difícil de resolver”. ■